

DESIGUALDADE: O GRANDE DESAFIO.

Fernando Henrique assume um País onde 20% da população vive com apenas US\$ 33 por ano

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse várias vezes que o Brasil é hoje "um país desenvolvido, mas injusto". Essa desigualdade será o grande desafio de seu governo. Segundo Stephen Kanitz, consultor, a renda per capita brasileira é de 3,1 mil dólares por ano, 90% da população está praticamente à margem do mercado de consumo e 20% vivem com apenas 33 dólares por ano.

De imediato, Fernando Henrique terá de encontrar um modo de compensar a perda dos 4 bilhões de dólares arrecadados em 94 com o IPMF, extinto no dia 31 de dezembro. Segundo o presidente, "a continuidade do crescimento da economia supõe taxas de investimento acima de 20% do PIB especialmente em infra-estrutura". Isso significaria R\$ 20 bilhões por ano nos próximos quatro anos para evitar estrangulamentos na oferta de energia, transporte e telecomunicações. O governo terá de buscar dinheiro no Exterior.

Apesar do quadro favorável à

obtenção de apoio externo, será indispensável acelerar as próximas etapas do Plano Real. O equilíbrio das contas públicas só está garantido por pouco tempo, graças à criação do Fundo Social de Emergência. Como o próprio presidente já descartou o prosseguimento das dis-

cussões sobre privatizações durante o primeiro semestre deste ano, a urgência recai sobre as reformas fiscal e tributária. Mesmo com o aquecimento da economia e os recordes de arrecadação (R\$ 5,8 bilhões em novembro e expectativa de R\$ 7,2 bilhões em dezembro), os dados são preocupantes: em dezembro de 93, de um total de 4.900 municípios no Brasil, 2.609 arrecadavam, por mês, menos de R\$ 10 mil em tributos federais. Segundo Fernando Henrique, "pesam sobre o Tesouro

As reformas fiscal e tributária são urgentes para manter o equilíbrio das contas públicas

Federal, direta ou indiretamente, passivos de mais de R\$ 200 bilhões".

O presidente já vem sofrendo pressões do setor exportador, que se queixa das taxas de câmbio do real e teme a concorrência das importações — o saldo da balança comercial em novembro foi negati-

vo pela primeira vez desde o Plano Cruzado. A principal queixa da iniciativa privada, entretanto, são os juros altos.

A desindexação completa da economia será outro desafio do presidente. Sindicatos, militares e funcionários públicos deverão pressionar vigorosamente por repositões (a cesta básica subiu de R\$ 88 para mais de R\$ 100 desde fevereiro) e pela volta de padrões de referência, que afetam diretamente o valor do salário mínimo. O aumento do mínimo, referência

para os benefícios sociais, pode piorar a situação da Previdência.

A situação deficitária de muitos bancos estaduais é um dos piores problemas de Fernando Henrique, principalmente por envolver questões políticas. A dívida com a União vem sendo renegociada sucessivamente. Segundo o ministro da Fazenda, Pedro Malan, a solução definitiva implicará fechamento de agências e demissão de funcionários. O exemplo já está dado: há poucos dias, o Banco do Estado de Sergipe (Banese), que opera no vermelho há três anos, decidiu demitir 600 dos 1.800 funcionários e fechar de 15 a 20 de suas 57 agências. No caso de São Paulo, o mais grave, somente o governo estadual deve ao Banese mais de R\$ 7 bilhões. A intervenção neste banco e no Banerj, decidida na sexta-feira, foi um passo corajoso rumo ao cumprimento das metas de estabilização. Minas e Rio Grande do Sul são outros Estados com bancos em dificuldades, que podem ser os próximos da lista.